Ano XIX — Serie IV — N.º 9 Salazar "criminoso" JUNHO — 1937 Preço $50

A BATALHA

Orgão da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

TRABALHADORES!
É preciso arrancar das prisões os camaradas condenados pelo fascismo a uma morte lenta

UNIFICANDO-NOS, O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

Para que os bandoleiros fascistas sejam vencidos na sua faina homicida é preciso que todos os peitos revoltados contra a barbarie constituam barreira impenetrável. Toda a metralha fascista, que decepa a vida dos trabalhadores, das mulheres e das crianças inermes, impõe a união revolucionária.

Trabalhadores! A C.G.T. dirige-vos êste apêlo caloroso: para vencermos o fascismo assassino e despótico é urgente e essencial uma unificação das fôrças da Revolução. Esta unidade não pode ser impedida em nome seja do que fôr, porque a Revolução pertence ao povo. Trabalhadores manuais e intelectuais! Depende de vós a unificação a construir, sôbre todos os interêsses partidários, dentro da C.G.T., expressão das nossas aspirações, A unificação, camaradas, será construída por nós nesta hora ameaçadora da nossa Liberdade!

Sem obstáculos nenhuns façamos a unificação revolucionária e o fascismo fundir-se-á na lama sangrenta das suas façanhas!

O que nos deve unir!

A posição responsável e inconfundível da C. G. T. como organização dos trabalhadores na hora grave em que o fascismo vai ser esmagado pelo esfôrço heróico do proletariado, determinava-lhe construir em si a unificação, apelar para todos os trabalhadores, forjando assim as armas da vitória.

Saindo do rotineirismo dos pactos de unidade forjados entre comités, a C.G.T. vem colocar directamente aos trabalhadores o problema da sua própria unificação, duma unificação sincera, sem sofisma de partido, real e objectiva, de modo a congregarem-se todas as energias revolucionárias para as jornadas gloriosas do anti-fascismo.

É aos trabalhadores que compete decidir, é a êles que lhes cabe a faina de construir, com entusiasmo, a unificação que se impõe, portanto, aos trabalhadores directamente, a C.G.T. submete a sua proposição. E a ninguém mais do que os próprios trabalhadores, ou as suas organizações sindicais, cabe interferir nêste assunto, por isso mesmo a C. G. T. proclama o princípio *duma unificação a partir da base: dos trabalhadores nos locais de trabalho e nos sindicatos.* Após êste feito a unidade estrutural dentro da C.G.T. e a situação doutras organizações sindicais pode ser resolvida.

O que nos deve unir, pretende a organização confederal, é o interêsse comum na destruição do fascismo, aniquilando um perigoso inimigo dos direitos humanos; mas para salvaguardarmos êsses direitos ameaçados, para lograrmos a nossa independência e pôr fim à iniqüidade capitalista, é fundamental que essa união tenha por base uma Revolução que transforme a ordem económica, moral e política da sociedade, assegurando um princípio novo de Liberdade e socialização.

A unificação que se impõe fazer não deve ter como condição quebrar em nós todos os anseios fecundos de libertação e as asas da próxima Revolução.

Agora que o fascismo nos colocou diante da realização revolucionária, é perigoso restringirmos os nossos pensamentos e as nossas capacidades a uma neutral atitude exigida como condição unitária. A Revolução não exige a ninguém que se despoje das suas ideas e das suas atitudes consequentes; estimula-as porque no jogo das ideas dispares está o segrêdo da extensão dos actos revolucionários, mas o que exige é a tolerância, a canalização dos esforços para o que todos afinal se sentem inclinados a fazer de comum.

A unificação revolucionaria que preconisamos não exige de ninguém o abandono das suas ideas, nem por pactos nos quais as principais aptidões revolucionárias e orgânicas fossem relegadas. Ninguém abandonará as suas opiniões; cada um seguirá propagando-as, mas nas acções onde os fins e os interêsses a atingir sejam comuns, os esforços unir-se-ão.

A unificação sindical dentro da C.G.T. não exige o desaparecimento das outras tendências sindicais; elas continuarão a existir de vida própria. Exigir que desapareçam ou se confinem a uma posição neutral é mentir, é falsear o assunto, e nós desejamos que a unificação se faça com sentido prático e sem sofismas retóricos.

A luta contra o fascismo implica a Revolução e esta exige do proletariado e das suas organizações uma orientação concreta atravez das ideas sociais que adoptam, então o que valeria para essa Revolução uma C. G. T. acéfala, sem orientação para além do início da luta na barricada? As próprias condições da luta anti-fascista exigem à C.G.T. uma posição concreta, porque já passou o romântico tempo dos trabalhadores subirem à barricada a sacrificarem-se generosamente por uma liberdade que outros desde o poder lhe dariam enquanto se portassem passivamente.

O que nos deve unir é a necesidade de defendermo nos da ofensiva fascista, do prolongamento da nossa miséria na descida constante dos salarios, na subida do custo da vida e da jornada de trabalho, mas, sobretudo, a organização revo-

(Continúa na 2ª página)

Fálam os outros

Para ripostar a essa pobre bufonaria da imprensa e das emissoras portuguesas, esses cobardes com trajes de valentões e gestos de rufias, que na mansão das redacções e dos studios escarnecem do brio popular, escarrando vitórias fantásticas dos bandos fascistas, reproduzimos as palavras do general alemão Faupel ao serviço de Franco a quatro mamarrachos fascistas:

«Vós tendes a culpa de todos os desaires ùltimamente sucedidos, pois desde o comêço da guerra sua excelência o general Quiepo de Llano diz pela rádio que os «vermelhos» fogem como coelhos, deitando fora as armas, mal vislumbram os «invencíveis» falangistas e raquetés quando as coisas estão ocorrendo há alguns meses ao inverso. Desvalorizar o poder ofensivo e heróico do inimigo, resulta sempre contraproducente e portanto estamos sofrendo agora as conseqüências dessa fraseologia ridícula e fanfarrona. E é triste que não haja maneira de levantar a moral das nossas fôrças nem mesmo virando o disco. Agora as nossas fôrças só se aguentam enquanto não vêm as caras dos vermelhos, pois ao produzir-se êsse facto, os nossos soldados descobrem toda a falsidade das nosssas palavras e isto diminui-lhe cem por cento do seu poder combativo».

Estas declarações assumem um carácter excepcional se nos detivermos a sentir a alma desse povo que se armou e organizou em exército popular sôbre a metralha covarde dos fascistas, combatendo com a sua nobre coragem e heroismo 100 mil invasores alemãis e italianos, municiados com os melhores armamentos, cumulando na sua história as mais espantosas jornadas de heroïsmo colectivo.

As palavras de Faupel teem uma verdade contudente, mas ao proferi-las, o general nazi, ignorava tudo quanto há de poderoso e heróico na alma do povo que luta pela sua Liberdade.

■ ■

Paris, 23 — Johan dos Passos, escritor norte-americano de ascendência portuguesa, recem-chegado de Espanha, disse do que havia observado:

«A opinião do mundo no início da guerra civil era errónea, e naturalmente os julgamentos eram falsos. Entretanto esta situação modificou-se. Eu acredito que os correspondentes americanos de guerra têm sido honestíssimos, o que muitas vezes não acontece com os jornais que representam. Grande parte do público é hoje francamente favorável ao povo espanhol e está identificado com a sua causa. E' possível que haja muitos govêrnos contra o govêrno espanhol, mas não um só povo que honestamente o seja.

«Eu acredito que os espanhóis vão destruir o fascismo na Europa e em todo o mundo Seria um bem extraordinário para todos os povos».

Salvemos os presos!

Gritos de dor e de revolta nos chegam, a todo o momento, das inumeráveis ma-morras em que Salazar faz encerrar as suas vítimas. Gritos arrancados ao sofrimento mais cruel, à dor mais pungente, á tortura diária a que são submetidos os presos, com a morte a espreitar a cada passo, num angustioso quadro de esfacelamento lento dos últimos sopros de vida que ainda acalentam essas centenas de camaradas cujos corpos, macerados pelas inquisitoriais torturas, se encontram já quási desfalecidos.

Desde a alimentação intragável aos mais cruéis e draconianos castigos corporais, a tudo os presos se encontram sugeitos. De Peniche, do Aljube, de Angra, do Tarrafal, as notícias são cada vez mais confrangedoras.

Actualmente, em Peniche, os presos sôbre quem mais fortemente se faz sentir a violência arbitrária dos seus carcereiros, são atirados para dentro duma cisterna que há pouco ainda servia de reservatório da água. Em Angra não é permitida a compra de papel salvo o de carta e com restrições chegando ao cumulo de os próprios envelopes não poderem estar em seu poder sendo êstes preenchidos pelos janízaros que aí fazem serviço. No Tarrafal sucede o mesmo com a agravante de só poderem comunicar com a família uma vez por mês.

Continua o regimen de trabalhos forçados sob um clima abrasador! continuam a escassear toda a espécie de medicamentos! E as violências expludem, sem cessar, sôbre os presos indefesos, em cruéis manifestações de ódio e de sadismo.

Trabalhadores do braço e do cérebro! Homens de todas as tendências! O fascismo faz ressurgir os tempos inquisitoriais da idade medieval! Contra os seus crimes, contra as suas torpezas e infâmias, tem de se levantar, num vigoroso movimento de protesto, a consciência colectiva,

Não podemos deixar abandonados, à mercê dos instintos sanguinários dos seus algozes, essas vítimas do ódio torvo e implacável de Salazar. Não agir, não nos levantarmos em sua defesa, significaria tornar-nos cúmplices da sua morte próxima, do massacre premeditado, da efectivação do seu assassinato, numa louca orgia sangrenta.

Homens de consciêcia livre, para quem a vida humana merece respeito! Trabalhadores! Irmãos de luta e de sofrimento desas centenas de camaradas! E preciso arrancar ao jugo feroz dos seus carcereiros, êsse punhado de mártires que jazem sepultados nas Bastilhas salazaristas! Não deixemos que se tornem uma realidade, dolorosa e afrontosa para todos nós, os torvos desígnios dêsse Loiola sanguinário!

Libertemos os presos!

Arranquê-mo-los das garras sinistras de Salazar!

A C. G. T.

— suas ideas e suas tácticas —

Para se compreender o valor organizador e revolucionário da C. G. T., é necessário compreender o significado das suas ideas e das suas tácticas, porque foram elas que lhe determinaram êsse valor. A C.G.T. não vale exclusivamente como aglomerado de massas trabalhadoras à volta de reivindicações imediatas de classe, mas como expressão das aspirações e reivindicações dos trabalhadores, cujo sentido é o fim do salariato e da propriedade privada.

A Confederação, tomando no decurso do desenvolvimento do movimento sindical proletário, uma orientação libertária, consubstanciou o sentir e os desejos que os trabalhadores exprimiam nas suas jornadas libertadoras, e a formidável experiência das lutas revolucionarias. A sua doutrina libertaria deu-lhe a independência e a capacidade próprias, educando os trabalhadores na auto-suficiência orgânica e revolucionária, e ajudando-os a confiar na capacidade que adquirissem para a administração social futura. O parlamentarismo castrador das energias construtivas e reivindicadoras, fôra banido, o legalitarismo e o colaboracionismo cediam lugar à capacitação orgânica e revolucionária, e os trabalhadores, dêste modo, deixavam de ser massa eleitoral e número passivo, para serem fôrça actuante e pensante.

Os trabalhadores, se são para o problema social actual e da luta contra o fascismo um valor decisivo e principal, é em consequência da sua dignificação e elevação como factor revolucionário, dispondo de organização e tacticas próprias que as ideas libertarias lhe incutiram. E senão vejamos os exemplos, a começar pelo mais oportuno — o de Espanha — que enquanto a U.G.T. foi uma organização gravitando na órbita da política estadual e contemplativa burguesa-democratica, os trabalhadores espanhóis não estiveram aptos à unificação indispensavel e a assumir papel decisivo na direcção económica e política da Revolução, e logo que as circunstâncias lhe impuzeram acompanhar as directrises libertarias e construtivas da C.N.T., as possibilidades de unificação e capacitação administrativa dos trabalhadores atingiram um nível valioso.

As ideas de emancipação proletária opostas à função social do Estado e do Capital, valorizaram a organização sindical. Hoje que o sindicato é o instrumento construtivo da Revolução em prejuizo do carácter totalitário

(Continúa na 3.ª página)

Na linha de fôgo

TODAS as grandes Revoluções tiveram os seus ridículos patriarcas da Calma e da Prudência. Existem-nos agora em Espanha, e também já aparecem por aqui. E afinal uma Revolução em si é sempre um acto temerário, uma nobre audácia. E sem êsse arrôjo, êsse quixotesco desprendimento da vida, Barcelona e Madrid, desde a primeira hora seriam fascistas; se se obedecesse aos instintos da prudência, a nobre coragem de morrer lutando a sonhar no resgate humano e na liberdade visionada não teriam salvo Madrid em 7 de Novembro e não prolongariam até hoje essa legenda heróica e nobre; tudo seria vencido pela barbarie marroquina.

Logo que a Revolução avança um passo ouve-se no charco o clamor das rãs da prudência, como se êsse arrôjo colectivo, essa vibração popular em ascenção, pudesse deter-se, sacrificar-se agora que tomou o seu trilho. E sempre a Revolução com as suas generosas aspirações, e o seu dealbar construtivo e emancipador que sacrificam no altar da impotência individual, deixando livre a reacção que acompanha oculta pintada de vermelho, a espreitar a gente corajosa da Revolução.

Se a C. N. T. avança na realização das mais generosas e inadiáveis aspirações dum povo que morre lutando porque quere ser livre, porque audazmente se lançam na construção dum mundo livre, numa alvorada perturbante de novas civilizações para o mundo, logo o coaxar dessas rãs que nunca fizeram a História, veem a querer fazer-se ouvir no prado verdejante onde florescem as nobres utopias que amanhecem.

A Revolução tem o seu trilho: a sua norma é construir destruindo, tem a sua nobre loucura, e sem ela, a Revolução seria uma opereta, seria afinal o que muitos anões de espírito desejariam que fôsse: a tradicional mudança dos mercadores da política.

A Revolução pertence-nos, faz-se para interêsse colectivo; carece de audácia, do desbordamento apocalíptico de novas energias; não pertence aos tímidos, aos conformistas.

Nobre gente que sonha e age, a Revolução pertence-nos! Arredai-vos para passarmos, oh sisudos patriarcas da prudência e do medo! O povo espera essa nobre loucura. Abramos-lhe os braços e lacemo-nos no pendor das suas sublimes vertigens!

—

ESSA amarelecida gente da Legião já dera provas da sua rufiagem e da sua preversidade. Obedecendo aos exemplos do «mui digno mestre» dão agora as provas do seu cinismo.

Criaram uma brigada de auxílio aos sinistrados do Ribatejo, e já vão levar o amargo pão do seu socorro, e afinal toda essa obra tem só o interêsse dum reclame de generosidade falsa.

Voltemos o caso do avesso. projetemos-lhe a luz da verdade e da crítica. As inundações do Ribatejo não foram um acidente natural, foi um temporal mais forte que quebrou as frágeis represas das águas do Tejo e que de há muito poderiam ter provocado tal desastre: no ano seguinte ficou dependente do tempo e logo novo temporal veiu flagelar a região. E porquê? Porque todos os potentados da região não quizeram gastar dinheiro na reparação das represas deixando tudo à sorte.

Deixaram consumar a catástrofe que deixou na miséria tanto lar camponês, que arruinou tanta pequena seara, só para exigir do «Estado Novo», carinhoso protector das inconfessáveis fortunas, a reparação das represas, lançando para as costas do pais exausto o encargo a que deviam acorrer eles próprios.

Todavia, toda essa cáfila de Emilio Infante, Palhas Blancos, Companhia das Lezírias, são os que financeiam os fascistas espanhóis e a Legião. Onde têm a decencia moral?

A moral burguesa é de metal sonante fundido em sangue proletário.

—

LENDO as folhas sujas da imprensa topamos com constante festança. Bailes do Romantismo, chás dançantes a favor dos feridos nacionalistas, jogos florais, cortejos folclóricos, toda uma festa pegada. Parece vivermos num paraíso, numa alegria que, como disse Unamuno quando aqui esteve assistindo a uma festa pantagruélica, «era uma alegria que não desejava para o seu país». Afinal tudo isso tem contraste com a miséria popular, a parada dos esfaimados que é o percorrer das nossas cidades, o desespero dum povo que afoga no peito os latidos da revolta. Tudo isso é o louco frenesi da burguesia devorando-se na orgia e no festim, a esquecer as horas angustiosas em que a justiça explode e os atemoriza no remorso íntimo dos seus crimes. É essa a face desta nossa decadencia, o luxo e o flirt ultrajante que o Estado Novo festeja como a reviviscência dum espírito cristão e nacionalista, é todo o desvario duma burguesia falhada, dessa aristocracia apodrecida que na dança procura afogar as vascas da incerteza.

Parada de imbecis, de madames histéricas a ornamentarem os maridos com o espavento dos seus vestidos, e espreita nisto o mercado da caridade.

—

VER passar essa praga de «periquitos» e determo nos a interrogar as preocupações desses larvados, é vermos a vaidade, o desejo de côdea, a sêde dum emprego, um facínora sem aplicação ou um menino aristocrata que sente vontade de evitar o comunismo.

No conjunto todos esses «periquitos» é uma tropa fandanga, meninos encoeirados que nunca souberam o que é a nobre coragem de empunhar armas e arrostar a tirania dominante defendendo com perigo e sacrifício um ideal generoso.

A Legião, se não fora uns patifes com fúria sanguinária, seria uma brincadeira aos soldados. Nós queremos o desforço, mas com armas iguais, para a um tiro de arma caçadeira espantarmos essa passarada ridicula.

—

OS PAISES democráticos são o corrosivo da Revolução. A França criou a não-intervenção que protege os manejos do fascismo, a Inglaterra faz o contra-vapor, e a S. N. é o conluio capitalista onde se conspira contra a Revolução espanhola. Para dar uma satisfação, que não compreendemos, à burguesia política dessas democracias, os partidos políticos espanhois criaram a crise de Cabalhero e parturejaram o governo Negrin. Seria mais um obstáculo à Revolução se esta não fôsse já suficientemente poderosa.

Existe na Espanha um autêntico e único govêrno que nenhuma potencia estrangeira pode contrariar e os partidos sedentos do poder não o destituem: é a C.N.T. e a U.G.T. ligadas para os mesmos destinos.

Para a C. N. T. e para os anarquistas. para realizarem os seus postulados, que são os do povo, não é necessário estarem no govêrno, se lá estiveram foi por solidaciedade nas responsabilidades da luta anti-fascista Para realizá-los possuem o exército popular e a alma unida dum povo acrisolada às letras simbólicas da CNT-FAI.

Não se esqueça ninguém que em Espanha terminou a política porque começou a Revolução.

Barafustam os transfugas

Assistimos ao nervosismo dos dementados defensores do pseudo-nacionalismo o qual se manifesta pela mania da perseguição, tornando-se asquerosos e fétidos à medida que vão sentindo aproximar-se da retumbante falência. Não faltam as as provocações de frascório, os papelinhos alegóricos ao Deus e a Salazar (que jesuitas e meninos do côro evacuam pelos caminhos) manequins a brincar com fôgo dissimulado. Há também transfugas a fazer de polícia, armados, ameaçando os trabalhadores, prendendo sob qualquer pretexto, bajulando o patronato, acirrando ódios, tudo isto porque o desespêro os vai minando e porque, apesar da longa temporada de pacificação, tanto esbirros como sabujos adivinham caudal de energias revolucionárias que cresce. Continua porém a sementeira destes sabujos, tendo ultimamente dado largas aos seus instintos de ferocidade pela região do Sado onde, mancumunados, têm atingido muitos trabalhadores. É sintomática a coacção que pesa sôbre todas as localidades desta região. Vive-se sob o mais feroz terror. Não escapam sequer as crianas as quais são obrigadas a aceitar a doutrina que os padres «legionários igualmente pregam aos adultos. Campeia a miséria nos lares operários? Fazem-se ouvir os gritos da fome e do desespêro? Assulados mastins da ordem logo fazem calar em sangue, prendendo a esmo, a população faminta. Mas seu reinado está prestes a terminar por isso o seu maior furor repressivo.

O C. R. do Sado

A nova Idade-Média

Cautelosamente, mas sempre com firmesa, vem a reacção clerical desde 1926 conquistando uma situação de predomínio na sociedade portuguesa a qual lhe tem permitido impor as suas falsas e perniciosas ideas.

Depois da apologia da «moral cristã» feita na Assemblea Nacional por alguns dos seus mais obedientes serventuários, espécie de balão de ensaio para apalpar a opinião pública, em face do silêncio das chamadas correntes liberais, acabam de lhes atirar à cara, como um escarro de despreso, a nova reforma do ensino primário, a qual torna obrigatório impingir aos alunos a venenosa beberragem religiosa.

Enquanto se reduz ao mínimo o ensino das outras matérias úteis —não vá o desenvolvimento mental dos filhos do povo levá-los a uma melhor compreensão dos seus direitos—, introduz-se o estudo das mentiras religiosas, como se pode verificar pela seguinte amostra:

Educação moral

1.ª classe — Idea de Deus acessível à mentalidade infantil e rudimentos da doutrina cristã tradicional do País.

2.ª classe — Doutrina cristã tradicional do País. Diferença entre o corpo e a alma. O corpo mortal e a alma imortal.

3.ª classe — Doutrina cristã tradicional do país. A justiça falível dos homens e a justiça infalível de Deus.

Como se vê, assuntos vagos e transcendentes, baseados em suposições e fantasias, e sôbre os quais os adultos jamais chegaram a um acôrdo, vão ser agora impostos como verdades indiscutíveis a crianças de sete a dez anos, o que prova unicamente o desejo de lhes atrofiar e empedernir o cérebro.

Povo português! Já que os intelectuais livres-pensadores nada se mostram dispostos a fazer em defesa das novas gerações, toma tu a palavra. Não te submetas a mais êste abuso. São os sábados os dias destinados à propaganda reaccionária. Não mandes pois nesse dia os teus filhos à escola, não os retires porém de lá, porque é isso mesmo o que êles pretendem visto que é no meio das trevas do analfabetismo que ela se sente bem.

Não consintas também a provocação do crucifixo. Querem com a sua afixação nas escolas incutir no espírito da criança a avariada moral «cristã», em nome da qual os bandidos fascistas teem bombardeado os bairros populares de Madrid. assassinando velhos, mulheres e crianças Os cemitérios e os hospitais de Madrid estão pejados de crianças mutiladas e despedaçadas pela metralha de facínoras a soldo dos chefes «cristãos». É esta a sua «bondade».

Povo português! Responde-lhes pois à letra. Assalta as escolas em massa ou isoladamente, de dia ou de noite, e reduz a cacos o símbolo do que eles chamam redentor, mas que na realidade só tem servido para te manter na miséria e no embrutecimento E não esqueças também de despedaçar as imagens dos dois ladrões entre os quais o crucifixo vai ser colocado!

Se agora não tomas uma atitude enérgica e decidida, daqui a algum tempo verás ressurgir, ainda, as fogueiras da inquisição.

SALAZAR AINDA NÃO FALOU

Continuas abominável tirano, silencioso, na paz sinistra do teu desvario, a calar a acusação que nobremente «A Batalha» te fez. Nenhum desafio de prova te arranca do tétrico silêncio. Congeminas, pelo certo, um prémio de traição, um estímulo forte à bufaria que por uma denúncia possas destruir a voz sonante que te acusa, aliviares-te assim do peso esmagador da voz do povo sofredor. Não é possível fazer silêncio à tua volta; as imprecações de revolta erguem-se de toda a parte. Hás-de ouvir estas linhas que aqui estampamos sob o perigo das tuas matilhas, cravando na tua fronte gelada o estigma do teu crime.

Mas porque calas, tu o homem que tens o raro privilégio de poder falar neste país que respondestes a tudo com o cinismo e a mentira?

Porque não mentes?

Nós sabemos porque calas. Não podes falar porque se falasses revelarias todo o maquiavelismo todo o crime da tua aliança com os fascistas espanhóis, farias perder a confiança às camarilhas bancárias que são tuas cúmplices, e acabarias por fazer fracassar o negócio das notas falsas, a inundação dêsse dinheiro falso com que os fascistas espanhois pagam o que lhes mandam.

Sabemos que tens que calar porque és reu do crime de conivência na burla. Continnas a receber essas notas falsas, e segues sem escrupulos a arremesares para as costas esqueléticas dêste povo os encargos dessa campanha de facínoras, falsificadores e mercadores do brio colectivo. Mas já pensastes que não será em vão que segues tripudiando? Julgas que escapas? O teu poder feito de conivência com os plutocratas, e mantido por recuas de patifes que na vida só sabem servir quem governa, será estilhaçado pelo braço potente da Justiça. Então, Salazar serás tam poltrão como são todos os da tua igualha quando a sorte os desampara nos braços do povo insurreccionado. Começas a sê-lo calando esta acusação que te ferramos na fronte.

Não falas tu, mas falamos nós. Começa já o nosso ascendente.

Daqui avante, miserável carniceiro, estás nas nossas mãos. Vamos desfiar o rosario aos poucos, e entretanto darás o tranbulhão, palhaço fatidico.

Agora falamos nós!

O que nos deve unir!

(Continuado da 1.ª página)

lucionária apta a destruir o fascismo e capaz de substituir a crapula e o centralismo políticos pela administração da riquesa social pelos seus produtores. O que nos deve ainda unir é o facto de estas ideas que consideramos fundamentais estarem a realisarem-se pelos nossos camaradas espanhóis e defendidas com coragem indómita nas jornadas sangrentas da guerra com o fascismo internacional, sem a nossa ajuda contra-atacando as posições traiçoeiras do fascismo português.

Dentro da C. G. T. cabem todos os trabalhadores quaisquer que sejam as suas ideas, nos seus trabalhos revolucionarios e orgânicos podem somar-se as energias de todos os camaradas.

Continua a ser fundamental que a unificação seja começada desde a base. desde os próprios trabalhadores nos locais de trabalho e nos sindicatos para que o louvavel labor que conduza os trabalhadores à congregação duma sólida fôrça revolucionaria, não seja perturbada com interferências extranhas.

A C.G.T. proclama: o que nos deve unir é a vontade de ferro de nos libertarmos da canga fascista e capitalista, que vive nos trabalhadores, livres dos desvios a que a política induz.

Saibamos camaradas forjar as armas da vitória com a inteligência e a tolerância da unificação revolucionária!

A CUMPLICIDADE

O escândalo das amêndoas

Para se ver até que ponto vai a acção criminosa de Salazar no auxilio ao traidor espanhol Franco, nada mais expressivo que o caso da amêndoa das Baleares.

Os traidores espanhóis enviaram para os entrepostos de Portugal 15.000 sacos com miolo de amendoa produção das Baleare, as ilhas que os fascistas puzeram à mercê dos italianos. Qualquer coisa para cima de milhão e meio de quilogramas. Como ninguém lá fora lhas compra e o ouro faz-lhe falta para pagar o armamento que alemãis e italianos lhes mandam, despacham-nas para aqui para consumo pagando os direitos (3.600 contos em notas falsas iguais às verdadeiras), e imediatamente as exportam para Inglaterra como sendo portuguesas.

E lá vão com o sêlo de garantia da Junta de Frutas, com o desprêso absoluto dos interêsses dos produtores portugueses que, apesar de terem assegurada na lei a protecção para a legitimidade da sua amendoa, por meio de certificados de origem, selos de garantia, condições de embalagem, etc., vêem assim um produto inferior e embalado um péssimas condições, figurar lá fora como português, criando assim dificuldades para a colocação no mercado da produção nacional.

Eis no que se resume o apregoado nacionalismo salazarista.

A banca portuguesa ao serviço de Franco

A derrocada da casa Porto Corvo, após o suicídio do seu chefe — embora a imprensa não o noticiasse, a sua morte não foi natural — que levou para o desemprêgo e para a miséria algumas centenas de famílias, foi determinada pelos sucessivos financiamentos feitos aos generais traidores. que vêm martirizando o heróico povo espanhol há perto dum ano.

Os capitalistas cegos e aterrorizados para fugir à expropriação, lançam-se em lutas cruéis e sanguinárias que acabam por arruiná-los isto é, expropriam-se a si próprios, não em benefício da humanidade, mas com a aquisição de engenhos mortíferos, espalhando a desgraça e o sofrimento à sua volta, e sucumbindo por sua vez vítimas dos crimes praticados

Mas que malvadez e que desvairamento!

A Violencia Fascista
Contra os Pescadores do bacalhau

Desde que os navios do bacalhau começaram a ir pescar nos mares da Groelândia, que os pescadores sentem a necessidade de ver aumentados os seus proventos, quer na parte respeitante aos salários, quer em todas as outras condições morais e físicas a bordo dos navios.

O seu sacrifício aumentou tanto que se pode dizer que foi elevado ao duplo o perigo de vida, na luta com os elementos e gelos à deriva, ameaçando diàriamente a vida de todos êles, como também com o frio constante que lhes transtorna o organismo, obrigando-os também a fazer uma despesa muito maior com abafos e outros apetrechos próprios para aquelas regiões frias.

Por outro lado, a subida constante do preço dos artigos de primeira necessidade atirou-os para uma situação ainda mais miserável.

Em contra-partida aumentaram os ganhos dos armadores com a criação do Grémio e da Comissão Reguladora dos Preços do Bacalhau, de que é prova suficiente o aumento constante da frota bacalhoeira e das fortunas individuais dos gerentes das emprêsas e dos representantes do govêrno nas diversas comissões relacionadas com aquela industria.

Em face de tudo isto o que resolveram os pescadores?

Resolveram, a exemplo do que já tem sido feito nos anos anteriores, combinarem-se entre si, e nas diversas localidades que enviam pescadores à pesca do bacalhau, Povoa do Varzim, Viana do Castelo, Ilhavo Aveiro, Figueira da Foz, Setúbal, Olhão e Fuzeta, para que ninguém fôsse à pesca sem que fôssem tomadas medidas no sentido de serem aumentadas, não só as suas soldadas como também as respectivas percentagens por peixe pescado.

Entretanto, enquanto os pescadores combinavam a maneira de serem pedidos aqueles aumentos, os armadores, de conivência com o «Estado Novo», parturejaram um infamissimo contracto de trabalho que reduz a uma maior miséria as já péssimas condições de vida dos pescadores. Das suas justas reclamações nada foi atendido. Os interêsses patronais não querem saber do aumento da miséria dos trabalhadores e o «Estado Novo» menos. A burla dos «contratos de trabalho» mostra-o claramente.

Os pescadores, então, resolveram não aceitar de forma alguma as condições impostas pelos armadores ou pelo Grémio, e, como se fôsse aproximando a época dos navios se prepararem para a faina e com êles o pessoal pescador e êste não comparecesse, por não aceitar as condições impostas, o govêrno, defendendo sempre os interêsses capitalistas, fez êsse decreto sinistro pelo qual todos os pescadores foram mobilizados. Assim mesmo em algumas localidades os pescadores não compareceram para embarcar. Começa então a violência, o terror, as prisões, expoentes da obra fatídica do «Estado Novo». Assim, na Povoa de Varzim, Buarcos, Figueira, Setúbal, Olhão e Fuzeta, a violência desencadeou-se sôbre os pescadores com tal fúria que muitos sofreram graves ferimentos. Em Ilhavo, Aveiro e especialmente em Nazaré, foi onde se fez sentir menor resistência. Nalgumas localidades como por exemplo na Figueira, as autoridades marítimas assaltaram as casas dos pescadores para lhes levarem os documentos marítimos e todos os que resistiram foram presos e agredidos à coronhada.

Na Fuzeta, como em todo o Algarve, ninguém, absolutamente ninguém, aceitou tais condições e muito menos temeram toda e qualquer repressão imposta pelas autoridades. Assim se mantiveram até que foram todos presos e trasidos para Lisboa, para o Quartel dos Marinheiros em Alcântara, onde a estas horas marcam passo como qualquer recruta. Alguns pescadores já velhinhos, com 35 anos e mais de pesca de bacalhau e mais de 65 de idade, lá andam quási sem se poderem mexer, também a marcar passo. Apesar de tudo ainda resistem heroicamente, não querendo ir para o mar naquelas condições. São assim os pescadores do Algarve. Consta-nos que vão ser levados à fôrça para bordo como degredados quando os navios estiverem para sair, entre baionetas e metralhadoras.

Não levam roupas nem nada de seu a não ser o que levam no corpo. Foi o proprio Grémio dos armadores que lhes mandou arranjar o indispensável em roupa para levarem mas eles recusam-se a aceitá-la. Assim têm partido os pescadores êste ano.

Vão forçadamente, tanto os que resistiram como aqueles que não fizeram. Segundo o seu modo de ver e sentir, todos protestam e todos clamam.

As consequências são fáceis de prever. A má vontade da parte do pessoal deve com certeza traduzir-se nos resultados da pesca. No mar, quer em viagem, quer na pesca as coisas devem passar-se de modo diferente dos anos anteriores. A desobediência, o ódio e a má vontade constante e permanente, devem contribuir para que hajam sérias consequências entre eles e os que dirigem a pesca e os navios.

Em terra suas famílias devem sentir também o pêso das algemas e das mordaças, e seus estômagos não devem ficar alheios a tudo que se tem passado e que se vai passar.

Reina em todos os sectores marítimos, a maior discordância e má vontade contra os governantes que a tal deram origem.

Entre as classes reina a maior repulsa e o maior ódio contra a tirania dominante.

Um pescador

Material de guerra para Franco

Continua com grande actividade a fabricação de bombas que no nosso número anterior mencionavamos admitindo então a hipotese de serem destinados ao rearmamento do exército português, mas afinal tivemos já confirmação de que se destinam às hostes de Franco. Nas firmas, Tornearia de Metais e Vulcano e Colares fazem-se serões com o fim de satisfazer quanto antes a dita encomenda. Para cumulo, sabemos que é Salazar, alma sinistra, agente directo da internacional negra quem superintende na aquisição dêsse material. E' êle que trata directamente com o representante da firma a quem foi adjudicada a encomenda, tendo-lhe já dado como sinal, sem qualquer praxe oficial, a quantia de mil e tresentos contos em notas falsas iguais às verdadeiras. Por isto mais uma vez se verifica ser ele um agente fomentador da guerra que enluta a Espanha. no seu desvairado sonho de universalizar o império do crime e da tirania a que submeteu o povo portugues. Êste material de guerra seguirá para Vila Real de Santo António donde será remetido aos agentes de Franco. E tudo isto se faz sem que um gesto vibrante de revolta ponha termo a este reinado do latrocínio!

Trabalhadores portugueses! Não consintais no estrangulamento do povo espanhol!

Na Fábrica de louça de Sacavem

Esta é uma das muitas rocas onde por salários miseraveis trabalham muitos operários que produsem artigos que no mercado são bem pagos, e proporcionam aos seus donos lucros enormes. Todavia não obsta que sejam pagos miseravelmente

Sacavem tem uma população em grande parte empregada na fábrica, os seus donos, ingleses poderosos, dominam na vila como senhores «bemfeitores», dêles dependendo quási toda a gente, até mesmo as colectividades locais de interesse e iniciativa populares. Apesar da «Magnanimidade» dêsses potentados a vila é um formigueiro de familias miseraveis exploradas na fábrica em penosos trabalhos pagos por infimos salários.

Não poderão os seus donos alegar que não podem pagar melhor porque os artigos produzidos esteja mal pagos no mercado. A louça, a mais ordinaria custa-nos caro, as preciosas faianças feitas por artistas valiosos, vendem-se por preços fabulosos, e isso faculta-lhes lucros fantásticos.

A fábrica tem o seu estado maior mestres e olheiros bem pagos incumbidos de apertar com o seu pessoal. Para êstes podem os patrões dispender bons ordenados e benesses.

Uma comissão de operários procurou o mestre geral José de Sousa para lhe pedir um aumento de salário que melhorasse um pouco a sua economia, e obteve dêle uma resposta untuosa e cheia de cinismo. Este senhor chegou a mestre geral por tudo menos por capacidade técnica, mas enfim tem de ordenado 50 escudos diários, tem casa, água e luz gratis, cedido pela fábrica, e a sua familia restringe-se à sua mulher. Apesar destas vantagens respondeu à comissão que tivessem paciencia porque êle também muitas vezes se levantava da mesa com fome, porque não podia satisfazer as suas necessidades.

Esta resposta cínica e preversa é um insulto à miséria do pessoal, porque se êle com aqueles ordenados e benefícios fica com fome, o que sucederá aqueles homens cujos salários andam por vezes para baixo de 10$00 por cada dia de trabalho dos quais sai o que pagam de casa, de água e de luz que a fábrica não lhes dá? Podemos calcular que pelo menos hão-de sofrer, atendendo ainda aos filhos que têm, 20 vezes mais fome do que êle, e isto é, sem rodeios, estoirar em abundância de fome. Com esta frase fria cínica se perpectua à continuidade da miséria os lares dos operários da Fábrica da Louça de Sacavem. Com esta frase torpe se impugnou aos operários o direito de recuperarem o que teem incontestável direito. Mas que esta frase faça refletir os operários na necessidade da sua organização para a defesa e a conquista das suas justas reivindicações.

Mais camaradas para o Tarrafal!

No último momento chega-nos a noticia da partida dalguns camaradas para o Tarrafal. Mais um punhado de lutadores a caminho do matodouro, onde vão ser imolados á furia sangrenta do fascismo.

Trabalhadores: O vosso mutismo representa uma cumplicidade com a obra de exterminio perpetrada por Salazar.

Não deixemos que seja demasiado tarde para os podermos salvar da morte certa a que estão condenados.

As vitimas do fascismo clamam vingança! Ergamo-nos para vingá-las!

O MASSACRE

O caminho de dor não tem limites. É longo, áspero, salpicado de obstáculos que impedem o andar, ensombrecido pelo espanto e pela morte. Estrada adeante, deixando atrás Málaga, «a Mártir», e fixando uma esperança impossivel na longínqua Almeria, caminha o povo. Não o amedronta os 250 quilómetros que têm de percorrer. Só querem fugir, deixar longe, muito longe, Málaga; pôr uma maior distância entre a sua lealdade vencida e a traição.

Sôbre a superfície calma do mar os crusadores alemães e italianos apontam as bocas das suas grandes peças, para a estrada. Um furacão de metralha barre a superfície do caminho. Há um grande grito, extra-humano, nas gargantas enrouquecidas pela sêde. Os pássaros negros da morte, pilotadas por mãos assassinas, passam sôbre a multidão enlouquecida. Na enorme massa humana a metralha penetra fundamente. Um grupo de cinco pessoas, bordeja, em louca fugida, o precipício do lado direito da estrada. São homem, mulher e 3 crianças.

—Não posso mais!—exclama a companheira em expressão de desalento —¡salva-te e salva os teus filhos.

Nas púpilas do homem luze uma luz extranha. Sôbre êle, um trimotor faz ouvir o matraquear das metralhadoras. O seu olhar ergue-se até êle e, lentamente, fá-lo descer para o precipício que se mostra a seus pés.

De repente solta uma gargalhada trágica. Os seus braços herculeos buscam, então, o filho que tem mais perto de si e atira-o no abismo; atrás do primeiro, os outros dois.

—Agora nós!—diz para a companheira.

O corpo da mulher, falto do seu apoio, rebola de penhasco em penhasco, até ficar imóvel no fundo.

O desgraçado lutador, olha uma vez mais a espantosa cena de desolação e de sangue, e, como se obedecesse a um mudo chamamento dos seus, desde o repouso augusto da morte, lança-se no espaço.

No mar, os canhões da traição, fazem ouvir uma salva grandiosa e trágica.

Pró-Batalha

Não ficou no silêncio o apêlo de auxílio ao órgão dos trabalhadores, mas é preciso intensificá-lo porque "A Batalha„ deverá publicar se semanalmente.

Pela "A Batalha„ semanal!

Transporte	75$00
Camarada M.	10$00
Um libertário	5$00
Grupo Esperança	20$00
I. M. P.	5$00
A. L. M.	9$50
Um Jovem	4$50
Portugal	5$00
A. M.	10$00
De um grupo de corticeiros	16$00
Grupo pró-Batalha	50$00
Um grupo de amigos de «A Batalha» B. T. E.	20$00
Um grupo de camaradas que desperta	25$00
F. H. S.	5$00
Total	260$00

A última lista gralhou O camarada S. é Y. O donativo de «um camarada maríttimo é englobado com o de «um alfaiate».

Disciplina Sindical

Disciplina moral precisa-se para vencer o inimigo comum. Se esta não existe no individuo, não poderemos pedir o que não soubemos crear. Confunde-se disciplina quarteleira que preconizam os que nunca se submeteram a control algum e que nas tribunas não cessam de clamar disciplina, mando unico, com a verdadeira, disciplina moral, criada na colectividade à fôrça de constancia e de sacrifícios».

De «CNT Maritima»

A C. G. T.
—suas ideas e suas tácticas—
(Continuado da 1.ª página)

do Estado eecodente, compreende-se o valor e a eficácia da orientação confederal reivindicando para os trabalhadores e para a sua organização uma independência própria, o federalismo da sua mecânica, e a posse das suas capacidades livres.

A C.G.T. prosseguindo na sua posição, tornando-se, como organização oparária, destacada da política burguesa, e assumindo na luta anti-fascista uma posição própria que lhe advem das suas ideas e táticas libertárias, tornou-se o instrumento mais poderoso da Revolução, e o centro unificador dos trabalhadores que por isso dispõem das condições de lhe determinar com segurança o caminho da realização das aspirações que emanam dos que sofrem nas fábricas, nos campos, nas minas e em todos os centros produtores.

Se as ideas e as tácticas confederais criaram aos trabalhadores a organização de condições revolucionarias ¿em nome de que razão há quem considere que a sua orientação deve pôr-se de parte para beneficio da unificação? Se a C.G.T. abandonasse a sua posição perdia o seu valor próprio para tornar-se factor revolucionário. Considerar-se a C.G.T. desprovida de orientação sôbre os problemas da Revolução para limitá-la a um papel meramente destrutivo como é a simples luta contra o fascismo, é condená-la à incapacidade revolucionária.

As ideas e as tacticas confederais, todavia, não impedem a unificação, porque também não impedem que no movimento sindical sigam, tentando experiências, e até organizadas como tal. O que é preciso é que as minorias no seio da organização sindical e confederal sejam solidarias à unificação que se estabeleça. A C.G.T. con as suas ideas libertarias sendo o instrumento de realizações sociais dos trabalhadores, e as suas tacticas sempre consequentes com o objectivo final, é a garantia da capacidade revolucionaria e construtiva do proletariado, e saberá tornar a nossa colaboração na luta contra o fascismo como um elemento da vitória.

Não podemos consentir no estrangulamento do proletariado espanhol!

Almeria foi bombardeada pela esquadra alemã! O navio "Ciudad de Barcelona„ foi afundado por submarinos italianos! O fascismo pretende, a todo o custo, estrangular o proletariado espanhol! As democracias covardes e a própria U.R.S.S. colaboram, com a sua tibieza, nessa monstruosa obra. A não intervenção é uma afronta e um pacto forjado unicamente para auxiliar os fascistas!

Trabalhadores! A Revolução espanhola será salva só pela nossa acção revolucionária! Se todos os govêrnos do mundo estão a colaborar directa ou indirectamente com Franco, saibamos nós agir e não permitir que se consume o maior crime dos anais da História: o massacre dum povo que quere ser livre.

Trabalhadores de Portugal! Não cruzemos os braços para não sermos cumplices dêste tremendo crime. Sem demora: À LUTA!

Ano xix — Serie iv — N.º 9 JUNHO — 1937 Preço $50

TRABALHADORES!
O fascismo assassino constitui uma ignominiosa afronta. Unifiquemo-nos e esmaguemo-lo.



A BATALHA

Orgão da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

A ESPANHA ANTI-FASCISTA
NÃO PODE NEM DEVE RETROCEDER

Os recentes acontecimentos da Catalunha e a última remodelação ministerial do Govêrno de Valência, exploradas a seu modo pela imprensa fascista portuguesa, vieram pôr mais uma vez em foco a posição da C.N.T e da F.A.I., como guardas avançadas do proletariado revolucionário, no desenrolar do processo transformador que ora se opera.

Numa hora em que alguns camaradas são contagiados pelas noticias tendenciosas da imprensa venal, e em que se sentem renascer, de novo, velhas disputas partidárias, por parte de quem, das situações confusas, pretende sempre extrair qualquer benefício particular, torna se urgente esclarecer, com clareza, todo o proletariado português, sôbre as grandezas e as misérias da Revolução espanhola.

De todas as correntes que ora lutam contra o fascismo, as que marcam maiores divergências concepcionais, são, sem dúvida a CNT. e a F.A.I.; não obstante isso, elas nunca constituiram um entrave à marcha ascencional da Revolução, pelo contrário, têm sempre dado o exemplo da transigência e do sacrifício para levar a bom têrmo a grandiosa obra que se propuzeram edificar.

De igual modo nem todas as outras correntes têm procedido. Há quem da Revolução pretenda fazer politica de partido, há quem tenha sobreposto os seus interêsses partidários aos colectivos, há quem, sistemàticamente, hostilizando as resoluções tomadas nos Congressos e Plenos de C.N.T., realizados já depois da eclosão dos acontecimentos que representam o pensamento de mais de dois milhões de trabalhadores revolucionários, ponha em perigo a causa do anti-fascismo espanhol, e, mesmo, do anti-fascismo mundial.

Em Espanha joga-se a sorte do mundo; e êsses milhares de camaradas que nas horas conturbadas e trágicas de Julho, regaram com o seu sangue as ruas de Madrid, Barcelona, Valência, etc., que improvisaram um exército que conteve as primeiras arremetidas fascistas, e os que ainda hoje cumulam, em gloriosas jornadas, a epopeia revolucionária, fazem-no, não só para esmagar o fascismo mas para que, com êle, baquei todo um sistema ignominioso assente na usurpação capitalista.

Setenta e cinco por cento dos milicianos de todas as frentes, verificado pelos seus «carnets», são filiados na C.N.T. e na F.A.I E êsses restos do «senhoritismo» espanhol que pretende campiar desde o poder não pode constituir entrave às justas aspirações daqueles que dão o seu sangue, a sua vida, na miragem duma sociedade nova.

Pretende-se incidiar indisciplina aos elementos da C.N.T. e da F.A.I. quando são bem gritantes os seus exemplos disciplinadores que falam melhor do que quantas palavras.

Lembremo-nos todos que têm sido êles que mais têm propugnado pelo comando único e pela unidade de acção. Depois da queda de Málaga, a C.N.T. e a F.A.I. lançaram, desde o seu Boletim o grito de alarme: «Contra o fascismo tudo para vencê-lo! Homens e meios, tempo e sacrifício para esmagá-lo! Comando único e milícia obrigatória. Málaga deve ser a última experiência. Ninguém discuta nas frentes. Comando único e milícias disciplinadas. O comissário político, que é o camarada que actua junto de cada técnico militar — a intervenção dos representantes anti-fascistas nos órgãos dirigentes da guerra — há-de oferecer ao miliciano a garantia suficiente para que se façam as coisas de acôrdo com as possibilidades e conveniências gerais da luta». E, pouco depois, noutro Boletim dizia ainda: «A Revolução exige disciplina e ordem na defesa das frentes e os que a professam são os que têm fama de indisciplinados. Queremos a unidade de acção e de comando nas frentes. Exigimos, porém, reciprocidade de sacrifício na retaguarda, e não podemos suportar, nem por um momento mais, que hajam vampiros e zangãos da revolução que possam viver à larga enquanto na cidade-jardim de Andaluzia, no coração de Castela, morre o melhor da nossa juventude e são sacrificadas, inocentemente, mulheres e crianças».

Estas misérias da revolução, fortemente combatidas pela C.N.T. e pela F.A.I., não despertavam, no seio das demais correntes, igual movimento dignificador da Revolução. Tinham já passado as horas angustiosas e incertas dos primeiros dias, quando perante a traição dos que foram encarregados da defesa, foi necessário aceitar a fôrça pujante e revolucionária dos trabalhadores. A Catalunha tinha tomado um incremento imprevisto. Estavam-se realizando concepções até hoje não experimentadas e tidas como utópicas. Os trabalhadores adquiriam preponderância efectiva na administração dos bens sociais. As democracias francesa e inglesa inquietavam-se; a nova ordem económica fazia perigar os seus interêsses industriais e financeiros. Urgia afastar da direcção da Revolução a C.N.T. e a F.A.I.

Eis o prólogo dos acontecimentos que se acabam de desenrolar. O epilogo, porém, não é tranqüilisador para aqueles que julgam suster o impulso dinâmico e realizador das massas populares. Como em todas as horas em que os interêsses proletários estão em jôgo, a unidade nasce expontâneamente. Eis o que sucedeu. A C.N.T. e a U.G.T. afastadas do governo para tranqüilizar as potências semi-fascistas, continuam, porém, a ser os mais fortes organismos dirigentes da Revolução. O proletariado espanhol avançou o suficiente nas suas realizações para que possa permitir um retrocesso. Nenhum partido poderá castrar a pujança criadora da Revolução espanhola. Agora, é preciso ganhar a guerra, entretanto, a Revolução seguirá o seu curso, indiferente às manobras políticas.

Nós os que ouvimos os apelos à serenidade dirigidos pela C.N.T. e pela F.A.I.; nós os que sentimos profunda dor com estes males internos, restos dum passado que se extingue, pretendendo sobreviver às causas que lhe deram origem, todo o proletariado que em Espanha tem fixas suas atenções, esperando ver surgir uma nova alvorada clamamos vigorosamente que a Espanha anti-fascista não pode nem deve retroceder.

A Revolução não pode ser defraudada ao sabor dos interesses estrangeiros, a isso se opõe o povo espanhol, à isso se há-de opôr também a consciencia revolucionária do proletariado internacional.

Em defesa da Revolução

Os nossos quadros de luta actuais não estão suficientemente amoldados para as características que comporta a luta anti-fascista. Temos de encarar a sério êste problema, e com o sentido desta realidade obrarmos de molde a podermos jogar, no processo revolucionário, o papel que nos compete.

A clandestinidade, lançando o sindicato numa situação vegetativa, roubou-lhe, em grande parte, a potencialidade que êste possuia como organismo de concentração operária; por outro lado, o desenvolvimento do fascismo, veio agudizar o conflito entre duas concepções da vida e das relações sociais entre os homens, absolutamente antagónicas, imprimindo, ao movimento operário actual, mais do que as características de defesa contra a voracidade capitalista, um acentuado cunho realizador das novas concepções sociais.

Persistir trabalhando como outrora, apesar desta radical mudança de condições, seria fecharmos os olhos à realidade, seria o peor êrro a que nos poderiamos expor, significaria, enfim, a estagnação do nosso movimento. É necessário que nos adaptemos às necessidades da luta presente, sem partir de critérios preconcebidos que resultam sempre prejudiciais. E se reconhecemos a insuficiência dos sindicatos, no actual momento, pelas razões acima expostas, procuremos, dentro da orgânica confederal, dotarmo-nos dos quadros indispensáveis para êsse efeito. Ao sindicato está reservado o mais importante papel do processo revolucionário: a estruturação da nova economia. Porém, para que a Revolução se converta em realidade, para que passemos da divagação ao facto, é preciso descer à barricada, não atribiliàriamente, sem coesão, mas sim enquadrados num organismo específico de luta que possa e saiba levar-nos à vitória e assegure, posteriormente, a defesa das realizações sociais que se efectivem.

É preciso, portanto, encararmos com resolução, o problema da organização das milicias confederais. Desta obra depende, grandemente, a eficácia da nossa acção revolucionária.

A luta contra o fascismo requere quadros apropriados e apetrechados, capazes de poderem desenvolver tam amplamente a sua acção que possam conduzir-nos à insurreição popular. Nesta hora grave e vertiginosa em que os acontecimentos se precipitam a cada passo, necessitamos de levar a efeito, ràpidamente, êste apetrechamento, para que não sejamos surpreendidos por qualquer eventualidade.

A organização das milícias confederais é uma necessidade imperiosa não só para o esmagamento do fascismo como ainda para a defesa da própria Revolução. E o problema da defesa da Revolução não pode por nós ser descuidado, pois dele depende, em grande parte, a eficácia de todos quantos esforços se somem nessa grandiosa obra.

O momento que atravessamos é de duras e avassaladoras realidades e êle impõe-nos a efectivação rápida da organização das milícias confederais. Metamos pois ombros a essa empresa, cientes de que á luta anti-fascista, vamos imprimir um novo e forte impulso.

ATITUDES LIBERTÁRIAS

Desde o início das hostilidades em Espanha, que as agencias espalham notícias alarmantes sôbre as desinteligencias profundas existentes entre as diversas correntes anti-fascistas, apontando a C. N. T. e a F.A.I., como possuídas de propósitos de desordem e de indisciplina.

A nossa imprensa fascista, sempre pronta para aproveitar tudo quanto possa prejudicar o povo espanhol, tem reproduzido sempre essas notícias tendenciosas, e muitas terão sido mesmo por ela forjadas, mas, apesar do descrédito, a que a sua baixesa a reduziu, ainda há quem se sinta confuso e perplexo perante tais atoardas.

A êsses camaradas nos dirigimos para lhes afirmar desassombradamente, que são as correntes libertárias as que menos responsabilidades morais têm nas divergências que possam existir entre os anti-fascistas.

E fazemos esta afirmação porque conhecemos as campanhas, que não só a C.N.T. mas também a F.A.I., vêm sustentando para que se estabeleça a unificação das fôrças proletárias, se intensifique a guerra e se ataque enèrgicamente o fascismo não só nas frentes de batalha, mas também na retaguarda.

Documentando estas afirmações vamos fazer algumas transcrições da imprensa libertária espanhola que claramente demonstram o pensamento que os anima:

Unidade operária

A propósito da aliança feita entre a C.N.T. e a U.G.T. nas Asturias e em Aragão, escrevia «Tierra y Libertad» de 6 de Março de 1937:

«E assim deve ser, assim há-de ser em toda a Espanha. A salvação do proletariado está na aliança operária, na união revolucionaria, no pacto C.N.T.-U.G.T. Agora há-de se fazer, pactuar-se para um objectivo comum, para uma coordenação em todos os aspectos da luta e da reconstrução.

«Isso é o que Astúrias fez, o que acaba de fazer Aragão, o que querem Catalunha e Espanha inteira através das propostas da C.N.T. Que saibam os trabalhadores acompanhar os bravos asturianos. Que saibam saltar por cima das débeis barreiras da incompreensão ou das manobras dos chefes. Que saibam selar a unidade nas assembleas, e nos Sindicatos, e nos comités de enlace e na união em todas as regiões e em toda a Espanha anti-fascista.»

Frente á guerra

«Tierra y Libertad» de 6 de Março, inceria o seguinte apêlo das Juventudes Libertarias da Catalunha:

«Os facciosos avançam em Aragão. O seu avanço é contido à custa de muitas vidas dos nossos companheiros desarmados que se lançam heroicamente contra os «tanks lagartas». Cairam quatro povoações: Vivel del Ric, Fuenferrada, Portal Rubio e Panerudo. Há quem faça política e tenha a frente desguarnecida. Em Aragão faltam armas! Os aviões e as espingardas que foram passeados por Barcelona no domingo devem ir para a frente de Aragão! Menos teatro e mais acção. A juventude revolucionária exige-o. Quere ir para a frente. Venham as armas!

Sôbre a industria de guerra

Do Boletim de Informações CNT-FAI de 12 de Fevereiro de 1937:

«O povo espanhol quere lutar. A falta de material de guerra obriga a morderem-se os punhos milhares de homens que querem ocupar um lugar nas trincheiras da liberdade. As potências, umas servem o inimigo e outras fazem boicote à nossa causa. Temos que pensar em nós, em valermo-nos das nossas fôrças, para isso propomos á U.G.T. a criação de organismos que asssumam a responsabilidade de superar imediatamente a indústria, de forma a que se abasteçam as frentes de quanto material bélico moderno exige uma guerra como a que atravessamos.

«Urge que as duas centrais sindicais se ponham de acôrdo nos problemas fundamentais da guerra e da Economia; para êste fim fizemos uma proposta efectiva ao Executivo da U.G.T.: que a U.G.T. e a C.N.T. designem uma comissão de camaradas competentes para que estudem a situação económica e comercial, discutindo os diferentes pontos de vista, que sustentamos para chegar à conclusão de adoptar resoluções sôbre a regularização das indústrias do campo, da habitação e do comércio. Confiamos em que a aceitação pelos camaradas da U.G.T. da nossa proposta, porá de acôrdo em breves dias, as duas centrais sindicais, dando-se o passo mais seguro para o triunfo do anti-fascismo. Que ninguém deixe de cumprir o seu dever nesta data histórica. Que ninguém anteponha o partidarismo aos interêsses do triunfo sôbre o fascismo.

A C.N.T. cumpre com o seu dever fixando publicamente as suas posições e dizendo aos seus filiados que o respeito entre as duas centrais sindicais há-de ser absoluto. Sob nenhum pretexto pode romper-se.»

Sôbre as torpes campanhas de que tem sido objecto

«Não nos surpreende o que há algum tempo vimos escrito nas colunas do diário «Socialdemokraten» de Estocolmo. Segundo o senhor que assina o artigo, Málaga não se perdeu nem por imperícia dos comandos, nem pelo abandono em que o govêrno teve sempre aquele sector. Não senhor. Nada diss. Perdeu-se por «traição dos anarquistas». Só os comunistas «defenderam a cidade até a última hora», enquanto os anarquistas «que contavam com um dos partidos mais fortes de Málaga, fugiram como gamos».

Vejamos porém os factos:

1.º Málaga perdeu-se porque faltou organização em todos os seus aspectos: na frente e na retaguarda.

2.º Porque as nossas colunas careciam até do mais indispensável. Havia algumas com perto de 3.000 homens, que não possuiam mais do que 2 metralhadoras.

3.º Porque em Málaga se passaram coisas que Quiepo melhor poderia explicá-lo. A deserção, por exemplo, da nossa frente dalguns oficiais «leais».

«A C.N.T. não ignora a campanha que contra ela se realiza, mas disso não queremos falar com a amplitude que o caso requere. Acima das baixas paixões e das manobras torvas, pomos o interêsse supremo da hora presente que nos diz que é preciso permanecer unidos para levar a bom têrmo a emprêsa que a Historia nos incumbiu.

Melhor do que quaisquer comentários que pudessemos fazer, êstes documentos que transcrevemos esclarecem a posição da organização libertaria no desenrolar da Revolução.